

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

1

NARRATIVAS DO “CHÃO DA ESCOLA” NO ENSINO DE HISTÓRIA NO RIO DE JANEIRO E SEUS ECOS NA HISTÓRIA PÚBLICA

Lucilia Dieguez

Prefeitura do Rio de Janeiro

Email: historialucilia@gmail.com

Introdução.

Atuar no espaço da sala de aula exige, atualmente, dos docentes, um fôlego extra. Comparo-a à experiência de um mergulho profundo e que, numa fração de segundos, nos leva a emergir para respirar e retomar o desbravamento do novo.

Assim como no mergulho, que tem como objetivos o conhecimento e a contemplação, a sala de aula nos leva a essa mesma direção; é preciso contemplar para conhecer; render-se a aquilo que o ambiente e seus “moradores” nos mostram para lapidarmos, preservarmos e divulgarmos. O espaço físico da aula é sobretudo, integração entre docentes e discentes.

A soma destes esforços resulta em análises ricas, que muito contribuem para múltiplos olhares sobre o processo ensino aprendizagem. A constante busca é por reconhecer no aluno o perfil de “estudante” e não o de mero espectador diante de uma enxurrada de conteúdos transmitidos de maneira mecânica. É preciso o elo entre professor e aluno, cujo ponto principal seja a curiosidade, a vontade, a atividade (postura) do discente construindo o seu saber; erguer seus próprios questionamentos é muito importante. Circe Bittencourt (2019) comentou essa trajetória do eixo ensino aprendizagem, ressaltando as expectativas:

Os materiais didáticos sofreram mudanças significativas, incluindo os manuais de História nos quais, além da ampliação do número de imagens, apresentavam-se novas formulações de questões para atender aos objetivos de uma formação cognitiva, de constituição identitária, formas de socialização e de estudo. Possibilitava a transformação do aluno aprendiz em aluno estudante. (BITTENCOURT, 2019, p. 165.)

De acordo com a autora, essa passagem ou amadurecimento do aluno se deu em decorrência da variação de materiais didáticos adotados nas instituições de ensino, reconfigurando o conhecimento histórico escolar (Bittencourt, 2019). E ainda reitera:

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

2

“Nessa perspectiva, foi significativa a mudança de lugar do professor e do aluno na aula ao substituir o método expositivo pelo método dialogado.” (BITTENCOURT, 2019, p. 165)

Através de ferramentas diversas, é possível que o professor amplie seu planejamento e inclua em sua docência e inclua músicas, filmes, iconografias, que inclusive, podem ser recriadas pelas turmas, ressignificando-as.

Justamente esse método dialogado, analisado por Circe Bittencourt, norteia o assunto que originou esse processo investigativo. Baseado em uma experiência específica de Ensino de História em turmas do fundamental II, o artigo propõe uma discussão em torno das atividades práticas desenvolvidas em classes dos sétimos e oitavos anos, no ano de 2019.

O projeto ganhou vida tendo como alicerce o protagonismo do aluno. Uma vez que foi utilizado como instrumento de avaliação, todas as observações e análises recaíram justamente nesse retrato do aluno “estudante”, sujeito histórico ativo na construção de seu conhecimento.

Tratando temáticas debatidas em sala, vislumbrei as tarefas, aplicando-as às redes sociais, especificamente Instagram e Twitter. Sua edificação se deu em etapas, que foram desde o sorteio do tema que mais gostariam de trabalhar, passando pela apresentação da proposta, que seria a criação de perfis nessas duas mídias citadas a pouco, para aí sim inserirmos uma discussão do assunto escolhido. Os quadros abaixo expõem o planejamento de cada atividade, considerando uma turma de sétimo ano e uma de oitavo¹, cujo projeto foi adotado:

Tabela 1. Etapas do projeto “Expansão Marítima e Comercial” Turma 1703.

TURMA 1703	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a
---------------	----------------	----------------	----------------	----------------

¹ Por se tratar de algo novo, desenvolvi a ideia em duas turmas, uma de sétimo e uma de oitavo. Nas demais, a temática central foi trabalhada de outras formas, exatamente para explorar o caráter criativo e interpretativo do assunto, aplicando na prática, o conhecimento construído em sala.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

3

TEMÁTICA PROPOSTA: EXPANSÃO MARÍTIMA E COMERCIAL	CRIAR PERFIS NO INSTAGRAM E TWITTER	DESENVOLVER UM DIÁRIO DE BORDO VIRTUAL DOS NAVEGADORES	REGISTRAR O NOME DA PÁGINA. UTILIZAR A CRIATIVIDADE	POSTAGENS ÀS SEGUNDAS E QUARTAS-FEIRAS, RELATANDO AS VIAGENS MARÍTIMAS;
--	-------------------------------------	--	---	---

Fonte: Autoria própria.2019

Tabela 2. Etapas do projeto “Revolução Francesa” Turma 1802

TURMA 1802	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a
TEMÁTICA: REVOLUÇÃO FRANCESA	PERFIL NO INSTAGRAM	FAZER CONTEÚDOS SIMPLES ACERCA DO TEMA, CONSIDERAR SEUS SUBTEMAS	REGISTRO NOME DA PÁGINA, SEGUINDO O CRITÉRIO DE VOTAÇÃO.	UTILIZAR OS RECURSOS DE MÍDIA, COMO EMOJIS, ENQUETE INTERAÇÃO COM O PÚBLICO, DIVULGAÇÃO DA PÁGINA NA ESCOLA.

Fonte: Autoria própria. 2019

O planejamento metodológico é imprescindível no trabalho docente, pois é nele que configuramos e avaliamos os passos do processo ensino aprendizagem e ainda, realizamos os devidos ajustes, sempre que necessários. No quadro 1 foi registrada a organização geral da atividade prática, ou seja, o que deveria ser feito ordenadamente, sempre considerando as dúvidas e sugestões dos alunos.

Uma vez seguidas e sustentadas estas etapas, a pretensão do trabalho foi fazer um diálogo com a História Pública, averiguando as autorias compartilhadas e vendo o comportamento discente produzindo e divulgando nas mídias sociais. A proposta,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

4

sobretudo, era uma ocupação da História no espaço escolar, já que, por diversas vezes, foi possível vê-la preterida em relação às demais disciplinas. “Ocupar” assume nesta pesquisa, o significado de mostrar à escola o sentido da ciência histórica, seu campo de atuação e de estabelecer uma relação de sentido na vida do educando, reduzindo visões negacionistas e simplistas ocorridas, em diversos momentos, no seio do espaço da escola.

O “chão da escola” e suas narrativas.

À apresentação dos quadros gerais, seguimos às escolhas e ao acolhimento de mais ideias das turmas. Iniciei meu relato, discorrendo sobre as produções dos sétimos anos, que, optaram por trabalhar a Expansão Marítima e Comercial, concebendo os diários de bordo virtuais publicados em páginas do Instagram e Twitter.

Antes de iniciarem seus trabalhos, os alunos da turma foram separados em grupos, variando entre três e quatro componentes, para enfim, discutirem suas propostas. Neste texto, trabalho dois exemplos desta turma, considerando alguns critérios: criatividade, apreensão do conteúdo envolvido, coesão, participação e protagonismo. Intitulados *Navegadores a bordo* e *Getúlio Barbosa de Barros*, cada um registrou o cotidiano nos mares dos trabalhadores envolvidos no processo de colonização.

A preferência pelo tema da Expansão se devia à curiosidade dos discentes sobre, especialmente em relação às enfermidades que acometiam muitos na época tratada. Porém, o maior desafio, enfrentado pelos estudantes, ao desenvolverem seus trabalhos, foi o de percorrer pelos tempos históricos, relacionando-os e adaptando-os não somente à atualidade, mas para o alcance de um público virtual.

Dialogando com a História Pública, voltei minhas atenções a um dos princípios: com quem escreveríamos? O que pretendíamos? Partindo disso, dividi essas inquietações com os grupos, que, sem tropeços, disseram que buscavam um público como eles, aliás, da própria escola. O produto final dos exemplos que darei se encarregaram de responder com mais firmeza.

A equipe responsável pelo *Navegadores a bordo* criou a rotina de quatro marinheiros, cujos nomes atribuídos correspondiam aos sobrenomes das alunas envolvidas. Através de uma leveza na linguagem, as narrativas envolviam os mais variados acontecimentos históricos que concerniam à Expansão Marítima, desde a

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

5

utilização dos recém criados instrumentos náuticos até o imaginário da navegação, como as crenças em monstros gigantescos.

Salientamos inclusive, que o formato da escrita, utilizada pelas alunas, foi o que conduziu o restante da tarefa, auxiliando bastante nos quesitos averiguados: criatividade e protagonismo. Vejamos uma postagem na página que reforça esse argumento:

Imagem 1. O imaginário.



Curtido por **gihnascimento021** e outras pessoas
navegadores_a_bordo Nossas viagens sempre tiveram certos riscos, sempre haviam coisas que nós desconhecíamos... Por causa desses nossos descuidos e nossas ignorâncias, acabavam em tragédias. Por essas e outras razões, pensávamos que existiam criaturas marinhas. Nossos medos e imaginação eram tão fantasiosos, que achávamos que existia de tudo.

Ass: Rodrigues

Fonte: Instagram: @navegadores_a_bordo. Rio de Janeiro, RJ, 25 set. 2019. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B2XbdwbHtL9/>. Acesso em: 25 set. 2019.

A partir deste relato, é possível inferir que a equipe comentou a crença em monstros marinhos dos navegadores, adentrando em outras épocas, chegando, enfim, aos dias de hoje. Vale frisar que o grupo privilegiou em seu registro, a importância do conhecimento, especialmente quando se refere às ignorâncias e medos do desconhecido. A escrita gera uma suavidade ao leitor, já que percorre o passado e o presente de forma clara e simples, porém demonstrando conhecimento do assunto abordado.

Nesse momento é adequado falarmos da aprendizagem construída pelas estudantes em sua caminhada: o compromisso na construção de uma narrativa histórica, a percepção dos subtemas, a adequação da linguagem sem tornar simplista e o bom uso da mídia social para dialogar com o público e divulgar o conhecimento histórico.

Escolhemos também uma outra proposta, edificada por outra equipe da mesma turma de sétimo ano.² Optando por criar um perfil no Twitter, as três componentes deram

² Outras produções na mesma turma foram apresentadas. Entretanto, para este artigo, selecionei dois trabalhos, pois os mesmos corresponderam à proposta apresentada neste Simpósio. Cabe dizer que estes dois grupos atenderam às expectativas, especialmente dialogando com a História Pública. Em outras equipes houve alguns problemas, principalmente porque não utilizaram a criatividade, cortando essa

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

6

vida à página *Getúlio Barbosa de Barros*, um navegador fictício que registrou de maneira bem humorada seus percalços ao longo das Grandes Navegações.

Através de uma leitura cuidadosa, percebemos que o personagem em questão parece conversar com o público o tempo todo. Em seus escritos estão incluídos o comércio de especiarias orientais, as rotas mercantis, a apresentação dos instrumentos de navegação e a troca de mensagens com outro personagem criado pelo grupo em outro perfil, o *Jorge Álvares Cabral*.

Considerado por elas de que se tratava de um Rei (fictício, claro, mas com referências mercantilistas da época tratada), patrão de Getúlio, o navegador que falamos a pouco, podíamos esperar discursos mais formais; contudo, o surpreendente foi a proximidade criada entre o monarca e o navegador, como se o primeiro fosse um leitor dos relatos de viagem do segundo. Assim como o perfil *Navegadores a Bordo*, percebemos o constante jogo entre passado e presente, principalmente quando o Rei Jorge Álvares Cabral compara o serviço de cartas com o das redes sociais:

Bom, com a presença das redes sociais em nossas vidas, fica muito mais fácil de nos comunicarmos, pois antes se você quisesse se comunicar à distância, a nossa saída eram as cartas, que normalmente levavam bastante tempo para chegar para a pessoa. (@JorgeAlvaresCab1, 2 out. 2019)

Ao avaliar estes perfis, afirmamos que cada sala de aula, ou ainda mais, que cada grupo, dentro da mesma classe, possui suas próprias características e constrói seu conhecimento histórico de forma diferente. As narrativas explanadas a pouco constituem exemplos positivos do estabelecimento das relações de sentido criadas pelos grupos de estudantes e a História. Somamos a isso o fato do conhecimento histórico escolar ser múltiplo e variado, dependendo dos recursos disponíveis. Bereta (2019) analisa:

[...] implica observar a singularidade de cada escola, sala de aula, professor e estudantes. É uma observação situada no tempo e com muitas variáveis. Isso porque a história escolar é uma construção social produzida por elaborações e reelaborações constantes de conhecimentos produzidos a partir das relações e interações entre as culturas escolar, política e histórica; com os livros didáticos, com outros saberes que não apenas os históricos e muito menos circunscritos aos formais; com as ideias sobre a história que circulam em novelas, filmes, jogos, etc, e, não menos importante, com a história pública (história de grande circulação ou de massa). (BERETA, 2019, p.52)

produção de conhecimento, tentando buscar mecanismos fáceis, como cópia de páginas da internet, não respeitando, portanto, o que predisponha a atividade e não produzindo ciência.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

7

Esse conjunto de saberes levaram a enxergar estes alunos envolvidos na proposta, como sujeitos históricos ativos, fazendo bom uso das mídias digitais para levar conhecimento ao público.

Quanto à turma de oitavo ano, o planejamento sofreu um rearranjo. Ao apresentar a todos o objetivo do trabalho, alguns impasses ocorreram. Primeiro, porque o grupo não demonstrou uma predisposição à atividade; aliás, este comportamento já foi evidenciado em outra atividade prática realizada no mesmo ano de 2019. Após algumas conversas, a classe solicitou se poderia trabalhar em conjunto, sem uma separação óbvia por equipes, com trabalhos independentes. Acatada a decisão, a atividade se iniciou.

Todos decidiram criar um só perfil no Instagram, discutindo a Revolução Francesa, com ênfase no uso e abuso dos recursos digitais disponibilizados pela ferramenta. Entretanto, uma outra inquietação surgiu em mim, enquanto docente. Apreensiva pelo fato de não terem dividido a tarefa em equipes, percebi que, antes de me preocupar com a produção de conhecimento histórico, deveria trabalhar nos alunos o exercício da escuta, tão crucial para um bom funcionamento da atividade.

Relatei a todos a importância de se ouvir ideias e que, para organizarmos uma página, tarefas precisavam ser deliberadas a pequenos estratos da classe. Partindo disso, se dividiram em arte, postagem, criação de textos, entre outros. Além da pesquisa sobre o assunto- recorreram às aulas que dei, às imagens que utilizei em sala e orientei-lhes na pesquisa nos livros-, aqueles que tinham facilidade no manuseio com as redes sociais, se encarregaram de dar os devidos efeitos visuais às produções que chegavam.

A página, após votação calorosa, ganhou o nome de *Pauta de História*, cuja primeira postagem foi bem informativa e objetiva:

Bem vindos ao Pauta de História!

Esse perfil será usado para informar sobre acontecimentos históricos. Mas começaremos a falar sobre Revolução Francesa, que ocorreu no fim do século XVIII (@pautadehistoria, 18 set. 2019)

Unindo conteúdo e recursos áudio visuais, a turma 1802 produziu vídeos explicativos da Revolução, a partir dos textos que o grupo responsável redigiu, além de promover enquetes, lançar curiosidades sobre o movimento, tentando buscar a interação

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

8

com o público, formado em sua maioria, por demais alunos da escola e alguns professores. Abaixo temos imagens das enquetes e das informações mais rápidas produzidas pela turma:

Imagem 2. Trabalhando os stories.



Fonte: Instagram: @pautadehistoria. Rio de Janeiro, RJ, 10 out. 2019. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B3bqT6mBHAg/>. Acesso em 10 out. 2019.

Um dos desafios encarados por mim, nesse projeto, principalmente com a turma 1802 foi estabelecer os limites para o uso de recursos, mesmo atuando nas mídias sociais. Era preciso que não houvesse uma prevalência dos efeitos sobre o conhecimento. Ensinar os adolescentes a não trabalharem no simplismo era o princípio primeiro ao longo do desenvolvimento da atividade prática; principalmente, em se tratando de uma faixa etária, cuja presença nestas redes é alta, o papel do professor é justamente orientar e mediar esse uso. O que mais importa? O conhecimento ou o efeito que vai produzir visualmente a quem acessa? E novamente surgia em mim a inquietação: com quem escrevemos? O que pretendemos?

Num artigo, publicado nesse ano de 2021, discorro essa minha inquietação na pré elaboração e durante o processo:

[...] era preciso enumerar todos os pontos que julgássemos “problema”, para partirmos em busca de soluções. Um outro aspecto seria a concorrência com os youtubers, bastante presentes na vida dos alunos, com linguagens inapropriadas que não cabiam na tarefa; o receio era que caíssem na armadilha da facilidade, descaracterizando o objetivo principal: levar conteúdo às redes sociais através de uma metodologia científica apropriada ao ensino básico. Além disso, era necessário ensinar os educandos a usarem as mídias em seu favor, com fins pedagógicos e não como diversão, comumente conhecido por eles. (DIEGUEZ, 2021, p. 43)

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

9

As redes, com seu forte poder de atração dos adolescentes, muitas vezes dispõem de inúmeras páginas sem metodologia científica alguma e, é natural que, enquanto docente, sentisse aflição em relação a isso. Acrescentamos a isso o fato de trabalhar a questão da autoria, de não fazer plágio e optar por construir seu conhecimento com suas apreensões em sala de aula.

Eis que um grupo da turma surpreendeu, ao querer tratar de dois assuntos muito comuns à atualidade: a desigualdade social, comentada, é claro, na Revolução Francesa e um dos carros chefe do movimento, com os três Estados da sociedade e também, a desigualdade de gênero, algo que incomoda muito as meninas da classe. Decidiram, portanto, em abordar essas duas bandeiras na tarefa, seguindo a logística de: criação de um grupo de whatsapp, atribuindo nomes fictícios aos participantes. Ali funcionou como o mecanismo de formulação das ideias dos revoltosos franceses, com a presença do Terceiro Estado.

Um fato chamou a atenção e merece o devido destaque. Para salientar a diferença social, além de atribuírem a classe pertencente do participante (camponês, sans culotes), os alunos recorreram aos erros de ortografia para realçarem a ausência de oportunidades daqueles revoltosos e o baixo nível de escolaridade dos mesmos, já que as escolas só atendiam um estrato mais abastado. Abaixo temos a percepção dessa fala, com alguns trechos retirados:



Fonte: Instagram: @pautadehistoria. Rio de Janeiro, RJ, 10 out. 2019. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B3bqT6mBHAg/>. Acesso em 10 out. 2019.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

10

À medida que os trabalhos ganharam contorno, discussões e os alunos se sentiram seguros e confiantes, com naturalidade na produção de seu conhecimento, realizamos na escola, um dia interativo com as demais turmas da unidade. Utilizamos uma sala de aula e a sala de vídeo para projetarmos as produções e fortalecer o vínculo entre os alunos envolvidos e a comunidade escolar como um todo, visando a redução do negacionismo neste espaço, muitas vezes vivenciado. O momento da culminância refletiu bastante a fala de Cristiani Bereta (2019) que evidenciamos acima, sobre a multiplicidade do conhecimento histórico escolar, construído pela elaboração e reelaboração de vários fatores. A História precisa sempre reforçar sua ocupação de espaços, demonstrando que o conhecimento do “chão da escola” reluz e deve refletir sobre todos no mesmo ambiente.

Considerações finais.

Diante da heterogeneidade existente nas escolas públicas, desenvolver uma atividade prática é antes de tudo, considerar toda a bagagem trazida pelo aluno na construção de seu conhecimento. Aliar essa produção final à História Pública é ainda trabalhar os sentidos dessas autorias nos alunos. É perceber em cada, o reconhecimento de sua edificação, de suas ideias e ver o “chão da escola” como um espaço científico, onde os saberes se multiplicam e convergem, mesmo que por óticas distintas.

Fazer História em sala de aula e mais ainda, levá-las aos meios digitais, não é transformar nem professor nem aluno em youtubers, mas sim em, autores compartilhados, que se escutam e constroem o conhecimento; é se importar com o processo dessa tarefa, analisando cada passo dado. Às perguntas que nortearam essa fala, chegam as respostas através do resultado das produções discentes: escrevemos para pessoas como a gente. E eu, enquanto docente, me reservo o direito de também dizer: escrevemos com todos. A História é de todos.

Referências.

BITTENCOURT, Circe. Método de Ensino. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (Orgs.). **Dicionário de Ensino de História**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019, p. 162-167.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

11

DIEGUEZ, Lucilia M. E.S. Espaços Empoderados: o Ensino de História nas Redes Sociais. *In*: RIBEIRO, Jakson dos Santos; BAPTISTA, Marcus Pierre de C. (Orgs.). **Ensino de História: formação de professores, currículo e processos metodológicos**. Paranaíba, PI: Acadêmica Editorial, 2021, p. 40-56.

SILVA, Cristiani Bereta da. Conhecimento histórico escolar. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (Orgs.). **Dicionário de Ensino de História**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019, p. 50-54.

ANA CLARA; MARCELLE; MARIA HELENA; RAFAELA. **Nossas viagens sempre tiveram certos riscos, sempre haviam coisas que nós desconhecíamos...[...]** Rio de Janeiro, RJ, 25 set. 2019. Instagram: @navegadores_a_bordo. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B2XbdwbHtL9/>. Acesso em: 25 set. 2019.
BARROS, Getúlio Barbosa de. Rio de Janeiro, set. 2019. Twitter: @barros-getulio. Disponível em: https://twitter.com/barros_getulio?s=03. Acesso em: set. 2019.

CABRAL, Jorge Álvares. **Assunto: monstros marinhos**. Rio de Janeiro, RJ, 2 out. 2019. Twitter: @JorgealvaresCab1. Disponível em: <https://twitter.com/JorgealvaresCab1/status/1179557295908442112?s=19>. Acesso em: 2 out. 2019.

TURMA 1802. **Dá uma olhada como seria a comunicação dos revolucionários, caso a revolução fosse nos dias atuais**. Rio de Janeiro, RJ, 18 set.. 2019. Instagram: @pautadehistoria. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B2jwmcgnwKQ/?utm_medium=copy_link. Acesso em 18 set. 2019.

TURMA 1802. **Dá uma olhada como seria a comunicação dos revolucionários, caso a revolução fosse nos dias atuais**. Rio de Janeiro, RJ, 10 out. 2019. Instagram: @pautadehistoria. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B3bqT6mBHAg/>. Acesso em 10 out. 2019.